

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A VIAGEM PERMANENTE, O CINEMA
INQUIETO DA GEÓRGIA
5 de Novembro de 2020

MZAGO DA GUELA / 1932-34

“Mzago e Guela”

um filme de Lev Puch e Chalva Khuskivadze

Realização: Lev Puch e Chalva Khuskivadze / Argumento: Lev Puch e Chalva Khuskivadze / Fotografia: Vladimir Polikarpov, Vladimir Poznan / Direcção Artística: Valerian Sidamon-Eristavi / Interpretação: Rimma Mkheidze (Mzago), Levan Khotivari (Guela), Aleksandre Tsitlidze (turista), Siko Vatchnadze (um khevsur), Olga Kejeradze (a mãe de Mzago)

Produção: Sakhkinmretsvi (Goskinprom Gruzii) / Cópia: em 35 mm, preto e branco, do Gosfilmofond, com intertítulos em Russo e legendas electrónicas em português / Duração: 80 minutos.

Mzago da Guela é apresentado com **Kristine**, folha distribuída em separado.

Mzago da Guela, embora de outra época e já com outros meios e savoir faire, não deixa de evocar **Kristine**, o filme pioneiro do cinema georgiano que abre esta sessão. Em qualquer dos casos temos uma figura feminina no centro da atenção – ainda que aqui a rapariga, Mzago, tenha no título a companhia do seu pretendente, Guela – e, se calhar mais importanste, em qualquer dos casos temos um movimento do campo para a cidade (e o conseqüente retrato de ambas as coisas). Mas **Mzago da Guela** é bem menos dramática, e sobretudo bem menos punitivo. Há uma leveza do tom próxima da comédia, e umas colorações pastorais que tanto lembram algumas coisas do cinema soviético como do cinema americano, sobretudo na sua vertente naturalista ou, pelo menos, aberta à exploração das relações simbólicas entre personagens e paisagem (por vezes vem-nos ao espírito uma remota recordação de Borzage, outras vezes de King Vidor, sem nenhuma razão directa, questão de tonalidades e afins).

A fotografia de Polikarpov e Poznan conserva toda a força da paisagem, mais uma vez o retrato da natureza tem um poder impressionante, mas talvez seja quando desce à cidade que **Mzago da Guela** guarda os momentos mais curiosos: sempre naturalisticamente filmada (quer dizer, sem “efeitos”, a câmara plenamente ambientada em ruas de todos os dias), a cidade é uma pequena festa, de transeuntes, automóveis, prédios, eléctricos, pontes, e mais uma vez um excelente exemplo de como toda a ficção tende para o “documentário”. Lev Puch e Chalva Khuskivadze não filmaram muito mais do que **Mzago da Guela**, e as suas filmografias apenas elencam mais três ou quatro títulos. Mas – ver por exemplo toda a sequência final, a partir do momento em que Guela fica a ver Mzago partir no eléctrico – com este filme dão uma boa medida de um talento que não terá tido, infelizmente, muita continuação.

Luís Miguel Oliveira